

O uso do pronome “quicumque” e variações: uma dificuldade à parte em Horácio

José Mario Botelho (UERJ)

Introdução

Todos os trabalhos de tradução apresentam suas dificuldades para aquele que se propõe a esse mister. Se tais textos forem latinos, as dificuldades são ainda maiores, não só pelo fato de terem os textos clássicos uma sintaxe estranha a das línguas modernas, como a do português, mesmo sendo a língua portuguesa uma língua neolatina e, como tal, haver entre elas mais semelhanças do que diferenças.

De certo, a semelhança entre as línguas latina e portuguesa é um fato irrefutável, mormente se considerarmos o latim vulgar – conglomerado dos falares latinos em todo o império (tido com a origem mediata da língua portuguesa). Contudo há certos casos morfosintáticos (como o uso de formas nominais do verbo, o ablativo absoluto, estruturas relativas e tantos outros casos) que dificultam a tarefa do tradutor de um texto de Horácio, por exemplo, como é o caso de estruturas com uma das formas do indefinido relativo “**quicumque**”, que será enfatizado deste trabalho.

Em princípio, um estudo descritivo de aspectos morfosintáticos e semânticos de um texto literário em língua estrangeira se fará com muitas dificuldades.

Mormente, se se tratar de um texto horaciano, em que o erudito e o popular, sem que um se sobreponha ao outro, podem ser encontrados.

Aliás, o primeiro obstáculo encontrado pelo estudioso, que opta por uma tradução literal, como base de suas observações, é a própria característica morfossintática da língua, que, por ser de declinação, permite uma mobilidade muito grande de seus termos. Certamente, tal característica torna o latim uma língua lógica e de previsibilidade para a análise sintática também considerável, mas não totalmente. A possibilidade de mais de uma análise em determinada estrutura é um fato; quando se trata de um texto poético, então, não se pode negar. Se esse texto poético for de Horácio, o poeta latino, a possibilidade de ambigüidade é ainda maior.

Por conta disso, em vez de uma tradução literal, quase sempre nos deparamos com uma tradução literária, em que se constata a preferência por uma tradução mais livre naquelas partes de maior complexidade sintática das obras de Horácio.

Neste trabalho, optamos por uma tradução literal de fragmentos de alguns epodos e algumas odes, como arcabouço da análise descritiva e crítica dos aspectos morfossintáticos da locução pronominal indefinida relativa “**quicumque**” e suas declinações, sem desprezar os aspectos semântico-pragmáticos, cuja análise se faça necessária.

Considerações sobre a morfossintaxe do relativo

Diferente do que ocorre na língua portuguesa, em que o pronome relativo inicia a estrutura relativa, podendo ser precedido por uma preposição exigida pelo verbo da oração subordinada adjetiva, em latim a incidência de um pronome relativo em outras posições é muito comum, podendo, inclusive, na poesia, aparecer até mesmo fora da oração relativa a que pertence.

Outro fato em relação ao uso do relativo em português é a ocorrência de um termo antecedente, da oração dita (pela teoria tradicional) principal, ao qual o relativo faz referência e cuja concepção de mundo (significação biossocial) representa por substituir aquela forma gráfica na estrutura relativa – oração subordinada adjetiva. Embora a Tradição insista numa descrição inconveniente de uma estrutura relativa com um pronome relativo sem antecedente, como em: “Desconheço quem ganhou o prêmio.”, em que o pronome “quem” é interpretado como “aquele que”, os pronomes relativos em português são relativos a um termo antecedente. Aliás, essa dêixis (endofórica anafórica) é o que caracteriza o pronome relativo, que se distingue de outros pronomes, cuja relação dêitica com um referencial pode ser também ou endofórica catafórica ou até mesmo exofórica.

Em português, pode o pronome relativo concomitantemente apontar para frente (catáfora), como é o caso do “cujo” ou da locução “o qual”, seguidos de um nome, ao qual serve de adjunto adnominal. Isto é, já sendo ele anafórico, ser também catafórico, como em “A

mulher cujos filhos são meus amigos saiu.” ou “A herança da vovó, a qual vovó devo honrar, me apraz!”. Na primeira estrutura, o “cujos” aponta para traz (anáfora), fazendo referência a “mulher”, termo que substitui na relativa, indicando posse (= “da mulher”) e para frente (catáfora), fazendo referência a “filhos”, ao qual serve de adjunto adnominal e concorda em número e gênero. Na segunda, o “o qual” aponta para traz, fazendo referência a “vovó”, mas sem substituí-lo, já que pleonasticamente se faz presente para evitar a ambigüidade (“herança” ou “vovó”) e, portanto, servindo-lhe de adjunto adnominal e concordando em gênero e número.

Em latim, as ocorrências são diversas. Pode o relativo ter esses comportamentos descritos acima “**Seu pluris hiems seu tribuit Iuppter ultimam, / quae nunc appositis debilitat pumicibus mare / Tyrrhenum (...)**” (Ode I, 11) – “Ou Júpiter te destinou mais inverno ou (é este) o último, o qual agora quebra o mar tirreno contra as rochas opostas.” e outros (“**Nuper sollicitum quae mihi taedium / (,,), / uites (...)**” (Ode I, 14) – “Que evites (tu), a qual recentemente (foste) para mim desassossegado tédio (...)” ou “**(...) sunt quos currículo pulverem Olympicum / colegisse uiuat metaque feruidis (...)**” (Ode I,1) – “(...) há aqueles aos quais agrada ter juntado a poeira olímpica ao carro, e a meta (...)” ou “**piscium et summa genus haesit ulmo, / nota quae sedes fuerat columbis**” (Ode I, 2) – “espécie de peixes ficou no cume do olmeiro, o qual fora morada conhecida dos pombos”).

Observe que no primeiro exemplo o relativo “**quae**” se comporta como o relativo em português, já que inicia a estrutura relativa e tem como antecedente um termo na principal (“**ultimam**”), já na segunda estrutura, o antecedente do relativo “**quae**”, que não inicia a estrutura relativa, está subentendido na flexão verbal que aparece dois versos depois. No terceiro exemplo, o “**quos**”, que é um indefinido relativo, equivale a uma estrutura com um antecedente subentendido (“aquele aos quais”). No último exemplo, o relativo “**quae**” tem um antecedente, mas não inicia a estrutura relativa.

Há, no latim, casos mais estranhos aos falantes de português, como por exemplo, “**et domus exilis Plutonia, quo simul mearis**” – “e a casa vazia de Plutão, onde tão logo estiveres chegado”, em que o antecedente (“**domus**”) está bem afastado do relativo (“**quo**”), ou “**(...) parentis / laudibus, quis res hominum ac deorum, / qui maré ac terras uariisque mundum / temperat horis?**” – “(...) louvores do pai, que (dirige) as coisas dos homens e dos deuses, (que dirige) o mar e as terras com as diferentes estações?”, em que o relativo inicia uma estrutura em paralelismo, sem o seu verbo, ou ainda “**heu nimis longo satiate ludo, / quem iuuat clamor galaeque leues...**” – “Ó tu, farto de jogos demasiado longos, a quem agrada o clamor e os capacetes polidos...”, em que o relativo tem como antecedente um vocativo (embora estruturas dessa natureza ocorra também em português).

Pôde-se perceber que, assim como em português, o relativo em latim também concorda em gênero e em número com o antecedente.

O relativo latino, porém, declina em casos como os nomes, o que não acontece com o relativo português, uma vez que não há declinação de caso em português.

Contudo, como em português, as funções sintáticas do relativo são diversas e nem sempre coincidem com a do seu termo antecedente. Em virtude das diversas formas que assumem os relativos em latim, tal fato pode ser observado com clareza.

A morfossintaxe de “quicumque” e sua declinações

Como vimos, a morfossintaxe do relativo em latim é algo que causa estranheza aos falantes do português, em virtude de sua especificidade. A morfossintaxe da locução indefinida relativa “**quicumque**” é ainda mais estranha.

O uso desse pronome indefinido relativo é estilístico em Horácio, que o usa com frequência nas suas várias formas, com ou sem *mesoclise* (“*mesóclise*”, “*corte*”) – caso que torna o trabalho de tradução ainda mais complicado.

Como relativo, o “**quicumque**” compõe estruturas relativas e por ser pronome, sofre alterações de forma de acordo com o caso em que ocorre; como indefinido desempenha a função de termo antecedente ou parte do termo antecedente.

Na verdade, trata-se de uma locução pronominal, formada pelo pronome indefinido relativo “**qui, quae, quod**”, que sofrem declinações, de acordo com o seu caso e concorda em gênero e em número com o termo antecedente, que normalmente lhe sucede e o tem como

adjunto, seguido da parte adverbial “**cumque**”, a qual não varia em forma. Segundo Faria (1962, p. 266) “**cumque**” (“em todos os casos”, “em quaisquer circunstâncias”) “é um advérbio, que geralmente vem junto dos relativos aos quais dá idéia de indeterminação”.

Pode ocorrer a tmese (“corte”, “separação” com mesóclise – intercalação de um termo). Nesse caso, entre o indefinido relativo e a parte invariável – advérbio – ocorre um ou mais de um termo, como em “**quem fors dierum cumque dabit, lucro / adpone (...)**” – “qualquer dos dias que a sorte (te) conceder, junta ao lucro (...)”.

Descrição de algumas ocorrências em Horácio

Ode I, 9 (13-15)

**“Quid sit futurum cras, fuge quaerere, et
quem fors dierum cumque dabit, lucro
adpone nec dulcis amores
sperne, puer, neque tu chores...”**

(“que seja o que há de ser amanhã; deixa de procurar em vão, e qualquer dos dias que a sorte (te) conceder, junta ao lucro; nem desprezes, ó rapaz, os doces amores nem as danças...”)

Nessa estrofe, ocorreu a tmese e, portanto, entre o indefinido relativo “**quem**” em acusativo singular masculino, concordando com “**diem**” – subentendido no genitivo plural “**dierum**” (“dos dias”) –, ocorrem os termos “**fors**” e “**dierum**”.

Convém ressaltar que a parte variável que compõe, como pronome indefinido, a estrutura “**quem (diem) dierum**” (“qualquer

(dia) dos dias”) a qual desempenha a função de complemento direto do verbo transitivo “**adpone**” (“junta”, da oração analisada pela tradição como principal), desempenha, como relativo, a função de complemento direto de “**dabit**” (“conceder”, da oração subordinada adjetiva), cujo sujeito é “**fors**” (“a sorte”); “**cumque**” é tão-simplesmente um advérbio (“em qualquer circunstância”), cuja tradução não se faz necessária.

Ode I, 16 (1-4)

**“O matre pulchra filia pulchrior,
quem criminosis cumque uoles modum
pones iambis, siue flamma
siue mari libet Hadriano.”**

(“Ó filha mais bela que a bela mãe, tu porás em iambos satíricos qualquer medida que desejares quer (te) agrades por fogo, quer pelo mar Adriático.”)

Aqui, “**quem**”, como pronome indefinido, em acusativo singular masculino, concordando com “**modum**” (“medida”, “modo”), na estrutura “**quem modum**” (“qualquer medida”), que desempenha a função de complemento direto do verbo transitivo “**pones**” (“porás”), como pronome relativo, desempenha a função de complemento direto de “**uoles**” (“desejares”, da oração subordinada adjetiva), cujo sujeito é “**tu**” (subentendido na flexão verbal); “**cumque**” é tão-simplesmente um advérbio (“em qualquer circunstância”).

Com a tmese, entre o indefinido relativo “**quem**”, ocorrem o adjetivo “**criminosis**” (“satíricos”), em ablativo masculino plural, que concorda com “**iambis**” ao qual serve de adjunto adnominal.

Epodo VI (7-8)

**“... agam per altas aure sublata niues
quaecumque praecedet fera.”**

(“... perseguirei pelas altas neves, com as orelhas levantadas, quaisquer coisas que a fera preceda.”)

Nesse caso, “**quaecumque**”, que não sofre *tmese*, como pronome indefinido, em acusativo plural neutro, que desempenha a função de complemento direto do verbo transitivo “**agam**” (“perseguirei”), como pronome relativo, desempenha a função de complemento direto de “**praecedet**” (“preceda”, da oração subordinada adjetiva), cujo sujeito é “**fera**” (“fera”); aqui, “**cumque**” também é tão-simplesmente um advérbio (“em qualquer circunstância”).

Epodo XV (17-9)

**“Et tu, quicumque es felicior atque meo nunc
superbus incedis malo,
sis pecore et multa diues tellure licebit...”**

(“e que tu, seja quem fores, mais feliz (do que eu) e agora te mostra orgulhoso do meu mal, sejas rico no rebanho e na vasta terra...”)

Nessa estrofe, “**quicumque**”, que também não sofre *tmese*, como pronome indefinido, em nominativo singular masculino, que desempenha a função de aposto de “**tu**” e, como pronome relativo, desempenha a função de predicativo do sujeito de verbo de ligação “**es**” (“fores”, e traduzido como futuro do subjuntivo por causa de “**sis**”), da oração subordinada adjetiva), cujo sujeito é “**tu**” (suben-

tendido); aqui, “**cumque**” também é tão-simplesmente um advérbio (“em qualquer circunstância”).

Nesse caso, houve uma grande complicação para a tradução. Daí, a opção por uma tradução mais livre.

Outras estruturas:

Ode I, 6 (1-4)

**“Scriberis Vario fortis et hostium
uictor, Maeonii carminis alite,
quam rem cumque ferox nauibus aut equis
miles te duce gesserit.”**

Ode I, 21 (5-8)

**“uos laetam fluuiis et nemorum coma,
quaecumque aut gelido prominet Algido,
Nigris aut Erymanthi
Siluis aut uiridis Gragi...”**

Ode I, 28 (25-6)

**“... paticulam dare: sic, quodcumque minabitur Eurus
fluctibus Hesperiiis, Venusinae...”**

Ode I, 35 (5-8)

**“... te pauper ambit sollicita prece
ruris colonus, te dominam aequoris
quicumque Bithyna lacessit
Carpathium pelagus Carina.”**

Epodo XVI (21-2)

**“... ire, pedes quocumque ferente, quocumque per undas /
Notus uocabit aut proternus Africus.”**

Considerações finais

Um trabalho que objetiva traduzir um texto horaciano para, em seguida, descrever a sua morfossintaxe, atentando para os fenômenos sintáticos que se estabeleçam nele, não pode deixar de considerar o estilo lingüístico-literário do poeta, uma vez que se trata de um artista que apresenta uma linguagem praticamente própria.

Assim, inevitavelmente, a dificuldade durante a tradução dos textos horacianos se fará, já que é inerente àquele tipo de linguagem, essencialmente poética.

Como se pôde constatar com a análise crítica, que ora foi desenvolvida, a complexidade das estruturas relativas em latim é flagrante, mormente no que se refere ao uso da locução indefinida relativa “**quicumque**” e suas declinações.

Esse trabalho, que constitui uma pequena descrição dos fenômenos que foram enumerados, isto é, uma pequena contribuição, não esgota o assunto.

Referências Bibliográficas:

BOCCHETTA, Vittore. Horacio em Villegas y em Fray Luis de León. Madrid: Editorial Gredos, 1970.

ERNOUT. A. et THOMAS, F. Syntaxe latine. 2. éd., Paris: C. Klincksieck, 1953 (Nouvelle Collection a l'Usage des Classes; 38).

FARIA, Ernesto. Gramática da língua latina. 2. ed., Brasília: FAE, 1995.

_____. Dicionário escolar latino-português. 3. ed., Brasília: MEC, 1962.

GARCIA, Janete Melasso. Introdução à teoria e prática do latim. 2. ed., Brasília: Editora da UnB, 2000.

HORACIO. Odes: versão portuguesa. Braga: Cruz e Cia Ltda, 1942.

HORACIO. Odas y epodos. Traducción em verso. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid: Instituto Antonio de Nobrega, 1951.

MARMORALE, Enzo. História da Literatura Latina. Vol. I. Tradução de João Bartholomeu Jr. Lisboa: Cor, 1974.

MAYER, R.; ADAMS, J.N. Aspects of the language of Latin poetry. London: British Academy, 1999.

MILLÁN, José Maria Restrepo. Horacio. Bogotá: Imprensa Nacional, 1937.

NOBREGA, Vandick L. da. A presença do Latim. Vol. 3. Rio de Janeiro: INEP MEC, 1962.

PARATORE, Ettore. História da Literatura Latina. 3. ed., Tradução de S. J. Manoel Losa. Lisboa: Caloustes, 1983.

TORRINHA, Francisco. Dicionário português-latino. 2. ed., Porto: Domingos Barreira Editor, [?].

TRIGALE, Dante. Arte poética, de Horácio. São Paulo: Musa, 1991.

VILLENEUVE, F. Odes e éposos. Horacio. Paris: Societé D'édition "Les Belles Lettres", 1946.